MARCADAS PARA MORRER: O CINEMA DOCUMENTAL COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA FEMININA

Jamyle Correia Aguiar
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
Orcid: https://orcid.org/0009-0008-0749-3748
Endereço eletrônico: 202210778@uesb.edu.br

Belarmino de Jesus Souza
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9262-6868
Endereço eletrônico: belarmino.souza@uesb.edu.br

Palavras-chave: cinema documental; resistência feminina; ditadura civil-militar brasileira; memória; gênero.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, ainda em andamento, tem como objeto de estudo o documentário *Cabra Marcado para Morrer* (1984), dirigido por Eduardo Coutinho, tomado como fonte histórica e instrumento de reconstrução da memória e da resistência feminina durante a ditadura civil-militar brasileira (1964–1985).

O problema que o orienta a pesquisa é: como o documentário *Cabra Marcado para Morrer* resgatou e valorizou memórias femininas silenciadas durante a ditadura civil-militar brasileira, refletidas na figura de Elizabeth Teixeira, esposa do líder e das Ligas Camponesas de Sapé (PB), João Pedro Teixeira, assassinado em 1962?

Além disso, a justificativa desse trabalho se dá devido à necessidade de ampliar os debates da historiografia brasileira, de modo que indivíduos excluídos e negligenciados possam ser vistos e incluídos na história que predominantemente é narrada pelos heróis, homens e apenas sobre os grandes feitos, como afirma Peter Burke (1992; 2011). Da mesma maneira, Marc Bloch (2001) reforça que a história deve abarcar todos os aspectos da vida humana, incluindo os indivíduos anônimos. Portanto, documentar as experiências vividas

pelas mulheres é uma forma de abrir novos caminhos interpretativos, como afirmou Maria Odila Leite da Silva Dias (1994), que entende a importância do cotidiano e de estudar a história das pessoas "comuns". Nesse sentido, reconstruir a trajetória de Elizabeth Teixeira por meio do documentário é um ato de reparação histórica, que evidencia formas de resistência invisibilizadas, mas que são praticadas no cotidiano feminino.

Sendo assim, para fundamentar essa investigação, a pesquisa dialoga com Joan Scott (1991), que propõe o gênero como categoria útil de análise histórica; Paul Ricoeur (2007), que afirma a centralidade da memória para a construção da identidade e da justiça histórica; Verena Alberti (2005), que legitima a oralidade como instrumento de produção do conhecimento histórico; Ecléa Bosi (1994), para quem a narrativa das vivências cotidianas é uma forma de resistir ao esquecimento; além de Angela Mendes de Almeida (2007), cujo conceito de "resistência silenciosa" ilumina as práticas cotidianas das mulheres durante o regime militar. O cruzamento da história oral com o cinema documental permite construir uma narrativa que desafia o silêncio imposto pelo poder e se converte em ferramenta viva de memória individual e coletiva.

METODOLOGIA

A presente pesquisa possui natureza qualitativa, documental e bibliográfica. O documentário é analisado tanto como objeto quanto como instrumento de construção histórica e se apoia em um percurso metodológico articulado em alguns eixos complementares e bibliográficos.

A **análise fílmica** que possibilita a interpretação e compreensão das narrativas feminas para além do conteúdo verbal, pois também considera imagem, enquadramento, luz, montagem, trilha sonora, expressões e momentos não programados, característica marcante do cinema de Eduardo Coutinho. A **perspectiva de gênero** que permite analisar as relações de poder entre homens e mulheres no contexto da ditadura civil-militar e identificar o papel social atribuído às mulheres, suas formas de resistência e os impactos das ações do regime sobre suas vidas. A **hermenêutica do cotidiano**, que permite interpretar a subjetividade e os sentidos da narrativa feminina, além da abordagem da **micro-história**, que orienta o olhar para indivíduos comuns, validando a subjetividade como objeto legítimo de análise histórica. E por fim, o **materialismo histórico** para compreender as contradições de classe: proletariado

rural versus burguesia agrária, que atravessaram a trajetória de Elizabeth.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, os resultados são parciais. O documentário, mesmo em análise inicial confirma o potencial do cinema como instrumento de reconstrução histórica, assim como afirma Robert Rosenstone (2010), filmes históricos e documentários não são meros reflexos da realidade, mas formas narrativas que interpretam o passado com linguagem própria. A própria obra, em si, já evidencia seu posicionamento subversivo e de resistência, uma vez que sua produção sofreu interrupção por causa da ditadura. O material confiscado e destruído pelos militares e a posterior reconstituição da obra a partir dos depoimentos de sobreviventes, especialmente de Elizabeth Teixeira, demonstram como o cinema de Coutinho operou como um espaço de resistência simbólica e de reparação da memória coletiva.

A memória e a oralidade como práticas de resistência feminina revelam as dimensões da violência da ditadura que não aparecem nos registros oficiais. Essa narrativa não é apenas um relato emocional, mas um testemunho histórico que evidencia a sobrecarga imposta às mulheres e como a repressão atravessou suas vidas de forma íntima e cotidiana. Segundo Ecléa Bosi (1994), a narrativa de vivências cotidianas é uma maneira de resistir ao esquecimento e à marginalização. A análise até o momento indica que a oralidade de Elizabeth constitui um ato político, na medida em que desafia o silenciamento imposto pelo regime e reivindica a legitimidade de sua experiência na história.

A trajetória de Elizabeth Teixeira ilustra o conceito de "resistência silenciosa" proposto por Angela Mendes de Almeida (2007) e as "artes da resistência" de James C. Scott (2002), que nomeiam atos cotidianos de oposição ao poder que subvertem a ordem estabelecida mesmo sem confronto direto. Como aponta Ana Maria Colling (2004, p. 2), a mulher militante cometia dois pecados aos olhos da repressão: o de se insurgir contra a política golpista e o de desconsiderar o lugar destinado socialmente à mulher. Elizabeth sobreviveu às ameaças do regime, preservou a memória, abdicou de seus filhos para protegê-los e manteve vivas suas redes de apoio e sobrevivência. Joan Scott (1991) permite reconhecer essas ações como formas legítimas de agência política, situadas em estruturas de poder que definem os papéis atribuídos a homens e mulheres.

Por ora, uma limitação a ser considerada é que a pesquisa utiliza, o depoimento de uma única figura feminina central. Análises futuras poderão ampliar o corpus, incorporando outros depoimentos presentes no documentário e com fontes complementares, a fim de evitar generalizações a partir de um caso singular.

CONCLUSÕES

Com base nos objetivos propostos e nos resultados parciais obtidos, é possível afirmar que o cinema, aqui incorporado no documentário *Cabra Marcado para Morrer,* constitui uma fonte histórica legítima e potente para o estudo da resistência feminina durante a ditadura civil-militar brasileira. Elizabeth Teixeira se manifesta como um símbolo de resistência, apesar das tentativas de silenciamento, capaz de desafiar o regime autoritário e também a condição de invisibilidade de gênero, imposta às mulheres pela sociedade patriarcal.

A análise em curso indica que o cinema documental é capaz de articular memória, oralidade e perspectiva de gênero de forma a construir uma narrativa historiográfica que a história oficial não registrou. Sendo assim, este trabalho reafirma a importância da micro-história e da necessidade de haver pluralidade de vozes na produção do conhecimento histórico, conforme defendem Marc Bloch (2001), Michelle Perrot (1988; 1995; 2006) e Paul Thompson (1992).

Logo, a continuidade dessa pesquisa poderá se aprofundar na análise fílmica, assim como em seu referencial teórico, de modo que contribua para uma historiografia brasileira mais plural, atenta às experiências das mulheres e comprometida com a justiça histórica.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral:** a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALMEIDA, Angela Mendes de. **Palavras de ordem:** o discurso da violência política nos anos 70. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Tradução de Paulo Neves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. **A escrita da história:** novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989):** a Revolução Francesa da historiografia. Tradução de Nilo Odália. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Ventos, 1997.

COLLING, Ana Maria. **Gênero e ditadura:** as mulheres e a repressão política. In: Anais do Laboratório de Estudos de Gênero e História, 2004.

COUTINHO, Eduardo. **Cabra Marcado para Morrer**. Documentário. Brasil: VídeoFilmes, 1984.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Novas Subjetividades na Pesquisa Histórica Feminista:** uma hermenêutica das diferenças. Revista Estudos Feministas, 1994.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Hermenêutica do quotidiano na historiografia contemporânea**. Projeto História, São Paulo, 1998.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres**. Cadernos Pagu, Campinas: Unicamp, n. 9, 1995.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2006.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas: UNICAMP, 2007.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SCOTT, Joan W. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, 1991.

SCOTT, James C. **Dominação e as artes da resistência:** discursos ocultos. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.